

UMA VERDADEIRA VOLÚPIA SANJOANENSE

Rodrigo Rossi Falconi

Resumo: *A história de uma das obras-primas do escultor ítalo-brasileiro Fernando Furlanetto, de São João da Boa Vista, Estado de São Paulo.*

Abstract: *The story of a masterpiece of Italian-Brazilian sculptor Fernando Furlanetto, of São João da Boa Vista, State of São Paulo.*

Fernando Furlanetto (1897-1975), filho de Antonio Furlanetto (1873-1950) e de Maria Prisca Lanfranchi (1879-1964), nasceu no município de São João da Boa Vista, interior do Estado de São Paulo.

Iniciou sua formação no Grupo Escolar “Coronel Joaquim José”, de sua terra natal e, aos quatorze anos, partiu para a Itália, onde permaneceu sob cuidados da Família Tonetti, tendo estudado na Scuola di Belle Arti “Stagio Stagi”, de Pietrasanta, na Toscana. Conviveu com artistas que durante oito anos ensinaram-no a expressar o seu talento com o escopro e o buril, tendo sido aluno de grandes mestres, como: Ottavio Papini, de Florença, professor de Arquitetura; Guglielmo Romiti, de Pisa, professor de Anatomia; Antonio Bozzano, de Gênova, professor de Escultura; e Oreste Paoli, mestre em mármore.

Em 1915, conquistou o primeiro prêmio, recebendo uma medalha de prata, na disciplina Decorazione Pittorica. Um ano depois, já estava trabalhando no atelier do escultor Ferruccio de Ranieri, em Pietrasanta. Na época, foi elogiado como “valente artista americano”, na revista italiana “Lo scultore e il Marmo”, de 15 de fevereiro de 1916. As encomendas que seu pai fazia ao atelier de Ranieri eram executadas por ele, principalmente os retratos, feitos de mármore alabastrino, material translúcido e compacto, ideal para esse tipo de trabalho. Durante o curso, destacou-se entre os alunos, tendo recebido diplomas de louvor, honra incomum a um estrangeiro em uma terra pródiga de artistas.

A saudade fez com que Fernando Furlanetto retornasse ao Brasil, com 22 anos de idade, tendo viajado novamente ao território europeu para se casar em Viareggio, Itália, com Lélia Ranieri (1902-1941).

Tão logo retornou à sua terra natal, Fernando Furlanetto começou a brilhar, principalmente no Cemitério Municipal onde a grandeza de suas obras de mármore passaram a modificar a fisionomia do local. Em pouco tempo seus trabalhos ganharam projeção e espalharam-se por toda a região.

Apesar de todo o talento, sua vida foi sempre muito difícil, pois, além da mão-de-obra, o material que trabalhava era muito caro, e não havia retorno financeiro. Recebeu inúmeros convites para levar sua arte para outras cidades, onde haveria mais compensação, mas recusava dizendo sempre: “Eu não saio da minha São João”, cidade que era tudo para ele. Foi também um retratista excepcional, mas essa habilidade teve pouco espaço em São João da Boa Vista, tendo deixado apenas dois bustos fora do Cemitério (do Padre Josué Silveira de Mattos e do médico João Baptista Figueiredo Costa) e alguns no campo santo.

Como só esculpiu pessoas falecidas, teve de se basear em fotografias, muitas delas de má qualidade, de difícil compreensão. A tridimensionalidade era obtida por méritos próprios. Até a cor dos olhos era sugerida pelo grau de profundidade das pupilas. Nenhum detalhe era esquecido: unhas, fio de cabelo ou bigode, rugas, asperezas e estamparia dos tecidos, encaixe dos óculos, prendedor de gravatas, broches, correntes etc.

Em 1971, teve de interromper sua atividade de escultor, devido a um glaucoma que o estava fazendo perder a visão. Ficou muito abatido, porque além de não poder mais exprimir sua arte, não fez nenhum trabalho para sua filha Ana Lúcia Furlanetto. Pouco antes de falecer, Fernando Furlanetto pediu que a sua segunda esposa destruísse seus trabalhos de gesso, presentes em seu galpão de trabalho. Mercedes não teve coragem de realizar o que pediu o companheiro, e, por sugestão do artista plástico José Marcondes, doou a maioria deles para escolas da cidade, perpetuando a memória do grande escultor.

Um momento interessante na carreira de Fernando Furlanetto ocorreu por volta de 1932, quando foi procurado por uma senhora da sociedade sanjoanense que lhe encomendou uma estátua de sua livre escolha. Pouco tempo depois, quando o trabalho já estava quase concluído, ela desistiu da encomenda, pois afirmou que jamais colocaria em sua casa a estátua de uma mulher nua. A escultura, com a dimensão de 35 x 78 x 29 cm, que recebeu do artista o nome de Volúpia, foi uma de suas obras-primas e que ele fez questão de assinar, algo que raramente ocorria. Apesar da beleza da escultura, ela não foi aceita e ficou alguns anos em um canto de seu atelier à espera de comprador, que não ocorreu.

Pouco tempo depois de concluída, o jornal *O Município*, de São João da Boa Vista, publicou a seguinte nota, em 28 de janeiro de 1933:

Da penumbra violeta da moléstia, no silêncio do criador da oficina, da tortura de espírito de artista, sempre insatisfeito em plasmar a forma, em apanhar

o frisson de vida emocional, nasceu a linda e perfeita encarnação da Volúpia. Fernando Furlanetto, a golpes de camartelo, arrancou do mármore bruto o grito da carne moça e sadia da mulher dos trópicos. Naquele corpo divinamente proporcionado retorcido pela serpente venenosa do pecado, pela languidez daquela cabeça enlouquecida pelo estilete agudo da emoção, vive e palpita a realidade da vida e da orgia humana.

Com a Volúpia poderia o Fernando concorrer a qualquer exposição. Poderia entrar na galeria dos grandes escultores patrícios pelo pé finíssimo, elegante e real dessa estatueta, feita para viver em um ambiente doirado pela arte. Mas, o Furlanetto ainda não teve tempo de espiar fora... para o mundo... onde tudo é reclame... e onde melhor louvor, às vezes, se encontra em própria boca, que transmutou pela época do arrivismo, de vitupério, em virtude. Coisas americanas.

Em 1936, Fernando Furlanetto resolveu rifar a estátua Volúpia, através de uma tómbola, pela Loteria Federal, ficando bela obra exposta na Relojoaria Giuseppe De Rosa, ao lado da Igreja Matriz, saindo-se vencedor o comerciante José Blasi, um grande amigo do escultor. Muitos anos depois, seus descendentes venderam a escultura para a segunda esposa do artista, Mercedes Beozzo Furlanetto (1909-2001).

Mais requisitado para a confecção de esculturas funerárias, Fernando Furlanetto recebeu poucas encomendas de obras destinadas à decoração das casas de São João da Boa Vista, sendo Volúpia um caso ímpar no conjunto de suas obras. Segundo análise do arquiteto e historiador Antonio Carlos Rodrigues Lorette, publicada no jornal *O Município* de 20 de agosto de 1994:

Comparando-a com outra obra do escultor, intitulada Bailarina, do final dos anos de 1920, Volúpia demonstra uma visível ousadia. O corpo seminu da Bailarina se encerra em uma dança ondulante, onde os braços se unem às volutas do planejamento. A atenção do observador se volta rapidamente ao movimento alegre da moça. É provável que Furlanetto se inspirara em alguma obra selecionada em seus álbuns fotográficos, trazidos da Itália.

Já na estatueta Volúpia, o corpo totalmente nu se destaca pela simplicidade do seu suporte: um divã terminado em voluta, suportado por quatro patas de leões. Teve como modelo a estampa número 37 do álbum Il nudo artistico (Uomini – Donne – Bambini / Documenti ad uso degli artisti). A mão esquerda deveria acariciar um cachorrinho que acabou não sendo feito. Os detalhes anatômicos são perfeitos. A moça se contorce em prazer, com a boca e os olhos entreabertos. O seu deleite íntimo força a curiosidade em percorrer a sua distensão corporal por todos os ângulos da escultura.

A Bailarina foi uma estátua mais aceitável moralmente para habitar uma residência sanjoanense dos anos de 1930. Já a sensualidade explícita da Volúpia, apesar dos elogios da imprensa, foi rejeitada e afastada das salas, principalmente dos olhares indagadores das crianças.

Em ambas as esculturas, a delicadeza das formas, a riqueza na anatomia, demonstram a virtuosidade do escultor sanjoanense Fernando Furlanetto em desbastar o mármore, independente do tamanho da escultura.

Agradecimentos

Os mais sinceros agradecimentos ao arquiteto e historiador sanjoanense Antonio Carlos Rodrigues Lorette que gentilmente forneceu grande parte das informações e materiais que permitiram escrever este texto.



Volúpia, uma das obras-primas do escultor Fernando Furlanetto
(foto de Ramiro Giannelli)